

SHOKONSAI: DILEMAS DA PRESERVAÇÃO DA TRADIÇÃO NIPÔNICA NO OESTE PAULISTA

DAYANA MARIA DA SILVA VANDERLEI*

LUÍS ANTÔNIO BARONE**

Resumo

Este trabalho expressa o conteúdo parcial de uma pesquisa em andamento, que busca entender as manifestações típicas da comunidade nipo-brasileira que acontecem na zona rural, remetendo à vida dos colonos quando chegaram à região de Álvares Machado/SP e, também analisar a organização do Shokonsai (festa tradicional em homenagem aos mortos) nos dias atuais (participantes, promotores e atividades) e sua importância para a comunidade nissei da região e para o município. O universo empírico desta pesquisa é o Cemitério Japonês de Álvares Machado (oeste do Estado de São Paulo), o qual foi tombado em 1980 pelo órgão estadual de defesa do patrimônio (CONDEPHAAT) após mobilização da comunidade nissei local, sendo um dos únicos cemitérios exclusivos da colônia japonesa da América do Sul (há outro no Peru). Pouco tempo depois da abertura do cemitério japonês, em 1919, sentiu-se a necessidade de realizar-se a celebração aos mortos, ritual tradicional no Japão. Em 1921, celebra-se o primeiro Shokonsai – “convite às almas” em japonês. Realizado todos os anos, a partir de então, exclusive no período da 2ª Guerra Mundial, devido às restrições civis impostas aos imigrantes japoneses no Brasil. O “ohaka” (cemitério em japonês) funcionou de 1919 até 1943, quando foi fechado pelas autoridades machadenses por orientação do governo brasileiro. No total, foram enterrados ali 784 mortos. Após o término da 2ª. Guerra, mesmo com o cemitério desativado, o Shokonsai voltou a ser celebrado, tornando-se uma efeméride importante em Álvares Machado, até mesmo pela importância de sua comunidade nissei. O evento hoje ainda é restrito à comunidade nipo-brasileira e o objetivo do trabalho é, também, tornar mais amplo o público participante do evento, na perspectiva do Turismo Cultural.

Palavras-chave: Patrimônio Histórico Cultural; Desenvolvimento Territorial Rural; comunidade nipo-brasileira.

* Bacharel em Teologia pela Faculdade Batista Brasileira e Graduada em Tecnologia de Gestão de Eventos – Fatec Presidente Prudente. E-mail: dayana.vanderlei@fatec.sp.gov.br

** Sociólogo e Docente – FCT/UNESP Campus Presidente Prudente. E-mail: labarone@uol.com.br

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo tecer considerações sobre as manifestações culturais e sociais típicas da comunidade nipo-brasileira estabelecida na cidade de Álvares Machado – SP.

Especificamente neste trabalho, abordaremos a tradição religiosa nipônica denominada Shokonsai, que quer dizer “Convite às almas para a missa” e expressa rituais relacionados ao dia de finados aqui do Brasil. No Japão, a data é celebrada em 15 de julho, e o evento em si, é realizado no segundo domingo do referente mês.

O Cemitério Típico Japonês de Álvares Machado, é o único do Brasil (existe apenas outro em toda América latina, no Peru) e foi tombado como monumento histórico pelo CONDEPHAAT (Resolução nº 23 de 11 de julho de 1980, publicada no Diário Oficial do dia 12 de julho de 1980). São 784 sepulturas, onde foram enterrados os primeiros imigrantes, e um único brasileiro, por conta de sua solidariedade prestada a três japoneses, vítimas de homicídio (CARARO, 2017).

Este cemitério está localizado na estrada vicinal para o distrito de Coronel Goulart, aproximadamente a dois quilômetros da Rodovia Raposo Tavares (SP-270) e a cinco de Álvares Machado, que na época foi uma zona de expansão cafeeira.

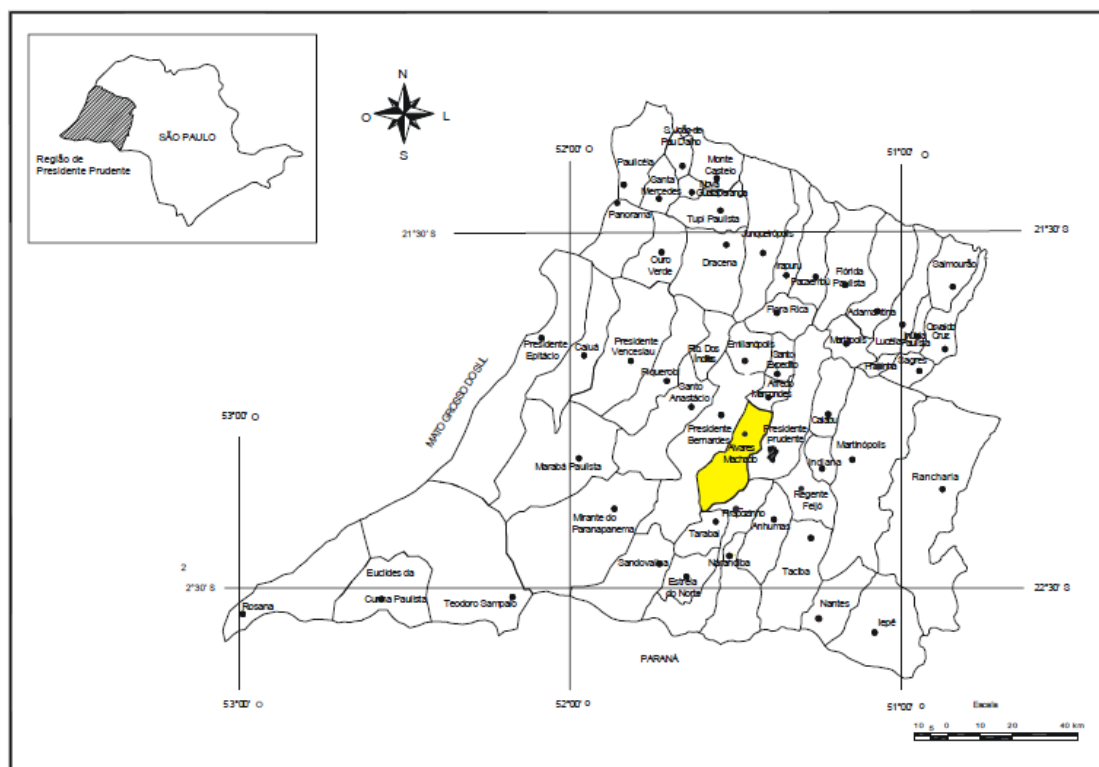
Este trabalho, em estágio preliminar, busca colaborar com uma pesquisa maior sobre os patrimônios materiais tombados ou passíveis de tombamento (BARONE, 2017) e também se desdobrará num estudo específico sobre a gestão do evento por parte da comunidade, bem como as possibilidades de evento turístico regional, em vistas ao desenvolvimento territorial do Pontal do Paranapanema.

ÁLVARES MACHADO E A IMIGRAÇÃO JAPONESA

Álvares Machado tem sua população estimada em 24.813 pessoas¹, das quais um grande número são de famílias de descendentes de japoneses.

A colônia japonesa local integra a Associação Nipo-Brasileira de Álvares Machado, com sede na própria cidade, onde fomentam diversos torneios, jogos, reuniões e encontros entre os membros da comunidade. Nas dependências da associação também há uma escola de língua japonesa para crianças e diversas outras atividades, como o tradicional concurso de canto – o karaokê; realizam também, churrascos beneficentes e jantares com pratos da comida típica japonesa.

¹ <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/alvares-machado/panorama>, acesso em 27/05/18.



Mapa 1: Localização do Município de Álvares Machado – SP. Fonte: Secretaria de Planejamento da Prefeitura Municipal (2002).

A TRADIÇÃO DO IMIGRANTE E A ORIGEM DO SHOKONSAI

Para entendermos todo o contexto, faz-se necessário retomar alguns anos de história e estórias, muitas delas oriundas de tradições orais, e tantas outras, de fontes escritas por diversos autores, além de pesquisadores da atualidade.

Com a imigração japonesa ao Brasil, alguns costumes e principalmente a rotina dos imigrantes japoneses sofreram grandes impactos, pois viviam em um país totalmente diferente no clima, na linguagem, na alimentação, nos ritos, na educação e em outras esferas. Em sua tese de mestrado, Takenaka (2003) relata as primeiras impressões que esses aventureiros enfrentaram quando chegaram Em Álvares Machado. Além de encontrarem uma paisagem totalmente diferente da que imaginavam (alameda de coqueiros no porto de Santos), o tratamento recebido também deixou a desejar. Tiveram dificuldades no desembarque e transporte de bagagens, após terem deixado a Hospedaria dos Imigrantes, quando vieram em direção ao Oeste Paulista trabalhar nas lavouras de café. Tudo era muito longe, caro e precário, mas ainda assim resistiram bravamente, pois tinham em mente a ideia da emigração temporária, ou seja, trabalhar, acumular recursos, e voltar ao seu país de origem. Contudo, não foi o que aconteceu; a emigração passou a ser permanente por diversos fatores.

Muitos casamentos e famílias foram “arranjados”, sendo muitas famílias compostas, pois era exigência de afim de que se atendesse às necessidades das lavouras de café, que cada família tivesse pelo menos três “elementos” aptos ao serviço. Além da

precariedade das condições de higiene e moradia, os imigrantes ainda tiveram que enfrentar o desengano das propostas de trabalho que outrora foram divulgadas como muito boas, e em formato atrativo, para que viessem trabalhar no país. Infelizmente, muitos fazendeiros e outras pessoas se aproveitaram das diferenças culturais e falta de entendimento do idioma para ludibriar e lograr vantagens sobre os imigrantes de diversas formas, como a questão do pagamento de valores mais baixos que o proposto pelas sacas de café colhidas. Muitos trabalhadores abandonaram as fazendas, e em outros casos, nada restava a não ser submeter-se ao trabalho árduo, incluindo mulheres e crianças, deixando de lado também o lazer aos finais de semana, a fim de conquistar a sonhada independência financeira (TAKENAKA, 2003).



Foto 2: Cartazes utilizados para propaganda convidando os japoneses a emigrarem para o Brasil. Fonte: Museu da Imigração, agosto de 2000. Autoria da foto: Edilene M. M. Takenaka.

A questão da alimentação foi um fator preponderante e agravante na vida dos imigrantes:

A má alimentação devido às diferenças culturais e à dificuldade em diversificar o preparo dos alimentos com produtos mais palatáveis ao japonês trouxe, como consequência, uma subnutrição generalizada, advindo daí, o desenvolvimento defeituoso e a morte de crianças, bem como problemas com diarreias, tuberculose pulmonar, grande incidência de malária e surtos de gripe espanhola, vitimando muitos colonos. As doenças que acometiam os colonos chegavam, por vezes, a infectar famílias inteiras diminuindo o número de braços na lavoura e, conseqüentemente, os ganhos diários (TAKENAKA, 2003, p.46).

O auxílio médico, além dos recursos para arcar com tratamentos em caso de doenças ou acidentes, também era escasso; havia um médico da empreiteira construtora da rodovia, mas ele vinha apenas uma vez por semana, sem dia marcado. Diante da incidência de tantas doenças que levaram a um número grande de mortes, os imigrantes defrontaram-se com mais um entrave: o enterro precisava ser feito em Veado – atual Presidente Prudente – distante 15 quilômetros, uma vez que na colônia do Brejão (onde eram residentes) não havia cemitério e nem condições adequadas de transporte, então, as pessoas transportavam os caixões pela mata, e quando mal retornavam à colônia, já tinham de partir novamente por conta da sucessão de falecimentos (TAKENAKA, 2003).

Diante da problemática, um dos imigrantes, Naoe Ogassawara (que recebeu, quando da saída do seu clã do Japão, uma quantia para ser usada em algum empreendimento em prol dos imigrantes japoneses) comprou uma área de cinco alqueires para a construção de uma escola, e uma parte dessa área, foi desmatada para a realização da construção do cemitério (TAKENAKA, 2003).

Juntamente com a necessidade de enterrar os seus mortos, outra surgiu: o desejo de cultuar e reverenciar seus ancestrais, de acordo com os costumes e ritos realizados em sua terra natal. Dois anos após a fundação do cemitério, na primeira celebração além da missa pela alma dos antepassados, houve uma luta de sumo em homenagem aos mortos e a partir daí, os eventos passaram a ser chamados de Shokonsai. Em 2020, será comemorado o seu centenário, e a cada ano que passa, novas atividades são incorporadas à programação, além da missa celebrada na capela budista do cemitério, apresentações musicais e de danças, comidas típicas e outras atividades recreativas.



Foto 1: Cemitério japonês. Disponível em: <http://media.discovernikkei.org/articles/6100/Cemiterio.jpg>. Acesso em 27 de julho de 2016.



Foto 2: Cerimônia de abertura do Shokonsai. Autoria da foto: Aline Hasegawa, julho de 2015.



Foto 3: Celebração budista na capela do cemitério japonês. Autoria da foto: Marcelo Setoguti, julho de 2016.



Foto 4: Vista do haka (cemitério) com as velas acesas ao anoitecer do Shokonsai.
Autoria da foto: Marcelo Setoguti, julho de 2016.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para discorrer sobre tradição, qualquer que seja ela, é preciso entender suas origens, fatos e acontecimentos aos quais proporcionaram seu início. Um dicionário de significados fala sobre a etimologia e conceituação do termo:

Tradição é uma palavra com origem no termo em latim *traditio*, que significa “entregar” ou “passar adiante”. A tradição é a transmissão de costumes, comportamentos, memórias, rumores, crenças, lendas, para pessoas de uma comunidade, sendo que os elementos transmitidos passam a fazer parte da cultura. Para que algo se estabeleça como tradição, é necessário bastante tempo, para que o hábito seja criado. Diferentes culturas e mesmo diferentes famílias possuem tradições distintas. Algumas celebrações e festas (religiosas ou não) fazem parte da tradição de uma sociedade. Muitas vezes certos indivíduos seguem uma determinada tradição sem sequer pensarem no verdadeiro significado da tradição em questão. No âmbito da etnografia, a tradição revela um conjunto de costumes, crenças, práticas, doutrinas, leis que são transmitidos de geração em geração e que permitem a continuidade de uma cultura ou de um sistema social².

Há tempos a cultura, a sabedoria e as tradições dos povos orientais são passadas geração após geração e são também objeto de estudo de muitos pesquisadores e profissionais das mais diversas áreas do conhecimento e do ensino. Podemos citar várias referências relacionadas à medicina, à cosmética, diferentes tecnologias, técnicas em plantio, edificações, culinárias e afins. Contudo, o que parece mais despertar curiosidade no ser humano, é saber sobre suas origens e como viveram e se desenvolveram seus antepassados.

Em sua obra reunida, Ruth Cardoso³ ressalta o valor e a importância inerentes à cultura japonesa no que diz respeito das associações, clubes e agremiações:

A imigração japonesa no Brasil data do século XX, e os imigrantes, trazendo do Japão do pré-guerra aquele espírito militarista, valorizavam as associações juvenis a tal ponto que elas apareceram em número bem maior que as associações de senhoras, de velhos, de meninos, etc., que também existiam tradicionalmente e que por sua vez, começaram a surgir no Brasil. Entretanto, se conseguiram viver e espalhar-se por todas as zonas de população japonesa, foi não só porque o desejavam, mas também porque se tornaram recursos de integração à sociedade brasileira (CARDOSO, p. 63).

É justamente a associação nipo-brasileira de Álvares Machado que promover atualmente o Shokonsai. Ela representa a luta da comunidade nissei da região para preservar sua tradição e sua identidade enquanto imigrantes que chegaram para “desbravar as terras” do Oeste Paulista.

Percebe-se a participação de um público mais adulto e idoso nos eventos da associação. O afastamento por parte dos jovens é cada vez mais nítido, visto que muitos acabam indo estudar ou trabalhar fora, convertem-se a outras religiões e também rotulam as programações como sendo “coisas de velho”. Esse distanciamento traz preocupações à colônia, pois, a cargo de quem ficará toda a manutenção das tradições japonesas, visto que o quadro de associados está envelhecendo?

² <https://www.significados.com.br/tradicao/>. Acesso em 27/05/18.

Como fator de resgate às tradições japonesas, o Shokonsai foi incluído no calendário de eventos do município, e sua programação e realização são divulgadas e noticiadas em diversos meios jornalísticos, bem como cartazes distribuídos pela cidade e região. No dia do evento, pode-se observar a presença dos descendentes japoneses que são moradores locais, bem como os moradores de outras regiões e brasileiros sem descendência nipônica; muitos comparecem ao evento por curiosidade, como acompanhantes ou para visitar e prestar homenagens aos parentes e também aos desconhecidos, por respeito.

Apesar da diminuição das famílias japonesas no município, os eventos promovidos pela Associação atraem colônias japonesas de cidades vizinhas e até de outros estados, além de simpatizantes da cultura. Nos campeonatos esportivos, nas apresentações de karaokê ou nos eventos de comidas típicas, nota-se uma grande movimentação de pessoas da região, o que fomenta o Turismo Cultural local, trazendo maior visibilidade à cultura e às tradições japonesas, lembrando sempre o espírito dos antepassados e as conquistas de um povo que não mediu esforços quando aqui na região chegou.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARONE, LUÍS A. M. *Patrimônio edificado e políticas de desenvolvimento territorial no Pontal do Paranapanema em questão*. Presidente Prudente – SP: Relatório de Estágio de Pós-Doutorado, FAPESP. 2017.

CARDOSO, Ruth; CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. *Obra reunida*. 1. ed. São Paulo: Mameluco. 2011.

CARARO, Helena. *Shokonsai: A vida celebrando a morte*. Presidente Prudente – SP: Impress, 2017.

HASEGAWA, A. Y. *Um dia de sol para encontrar os antepassados: o Shokonsai como estudo de caso do obon no Brasil*. Santo André – SP: Dissertação de Doutorado, Doutorado em Ciências Humanas e Sociais, Centro de Engenharia, Modelagem e Ciências Sociais Aplicadas. 2018.

TAKENAKA, E. M. M. *Raízes de um povo: a colônia japonesa de Álvares Machado - SP*. Presidente Prudente – SP: Dissertação de Mestrado, Mestrado em Geografia, FCT/UNESP. 2003.